

Doenças matam filhos de Balbina

Benjamin Constant — Tude Munhoz

Lavadeira aguarda exames para saber se está com cólera

Marceu Vieira

BENJAMIN CONSTANT, AM — Estirada em uma cama suja, sem lençol, no setor de isolamento do único hospital deste município a 1.600 quilômetros de Manaus, a lavadeira Balbina da Silva, uma típica cabocla amazonense de 69 anos, espera sem ansiedade pelo resultado dos exames que mostrarão se ela está realmente com cólera. A história que ela vai contando enquanto lhe ferrem sua única refeição da manhã — um copo de café ralo com leite — revela que a miséria absoluta de vários pontos do Alto Solimões não está apenas no lado peruano. Dona Balbina vive na comunidade de Bom Pastor, um amontoado de palafitas às margens do Rio Javari, afluente do Solimões. Teve 13 filhos, mas só um sobreviveu às doenças que massacraram essa região. Onze morreram antes de completar 10 anos de idade. Um, aos 14, não resistiu a um ataque de bronquite.

Dona Balbina, que usa o mesmo vestido de quando foi internada na manhã da última quinta-feira, é uma das 45 pessoas já atendidas com suspeita de cólera nos três hospitais do Alto Solimões — o de Tabatinga, o de Benjamin Constant e o de Leticia, na Colômbia. Como quase todos os outros pacientes ela não sabe ler ou escrever e conta, com uma naturalidade chocante, que não consegue se alimentar todos os dias. Sua casa não tem banheiro. Ela, seu marido de 70 anos, o único filho de 35 e os quatro netos tomam banho no Rio Javari, de onde também retiram a água barrenta que consomem. A luz que utilizam é de lampião. Sua comida é preparada em latas e fogo de lenha. O cotidiano trágico de Dona Balbina e seus



Balbina já se acostumou às doenças da região

parentes revela a fragilidade deste pedaço do Brasil, que aos poucos vai sendo vencido pelo vibrião da cólera.

Os focos de miséria estão em todos os municípios, províncias e localidades do Alto Solimões, onde as Amazônias brasileira, peruana e colombiana se encontram. Em Tabatinga, por exemplo, fora do pequeno centro semi-urbanizado, as favelas se

multiplicam. No ambulatório do hospital local e do único posto de saúde cerca de 100 casos de verminoses e parasitoses são atendidos semanalmente, segundo dados da prefeitura. Em Benjamin Constant, onde só existem três médicos para uma população de 30 mil pessoas, dos 90 doentes que todos os dias procuram o hospital, 25 são hansenianos em busca de medicamentos. Na comuni-

dade de Islândia, pequena ilha peruana no Rio Javari, não chegam vacinas, remédios e não há qualquer sinal de saneamento básico. Em Belém do Solimões, distrito de Tabatinga, os índios tikuna vivem doentes e só agora, com a campanha contra a cólera, as autoridades sanitárias brasileiras se deram conta disso.

Nenhum hospital ou posto de saúde de toda essa região, onde 70% dos 150 mil habitantes vivem em casas de madeira, produz índices de mortalidade infantil, pela falta de notificações. A maioria das famílias, no entanto, tem história sobre a morte de crianças. Na ilha peruana de Santa Rosa, por exemplo, o tenente-governador Tomas Soplín conta que só no ano passado “quatro ou cinco” meninos e meninas morreram antes de completar um ano de idade. Este índice é alarmante quando confrontado com a população total da ilha, de 150 habitantes apenas. Enterradas ali mesmo, essas crianças não entram em qualquer estatística oficial, peruana ou brasileira. O ambiente miserável em que vivem deixa essas pessoas vulneráveis a todas as doenças, sobretudo as crianças, que passam o dia brincando nas águas do Rio Solimões.

O índio tikuna internado com suspeita de cólera no Hospital de Guarnição de Tabatinga passa bem e deve ter alta hoje, quando ficam prontos os exames de lâmina em suas fezes. Desde sexta-feira, quando o índio chegou ao hospital, nenhum paciente foi internado com sintomas da doença. Novo balanço divulgado ontem pelo chefe do Setor de Portos e Fronteiras do Ministério da Saúde, Afonso Furnas, contabilizava 45 casos atendidos no Alto Solimões. Desses, apenas seis foram confirmados como portadores do vibrião colérico. Três técnicos do Ministério da Saúde iniciaram no fim-de-semana a vistoria aos aviões que chegam de Iquitos ao aeroporto de Tabatinga.